

## ALBERTO MORAVIA E HANNAH ARENDT: O CONFORMISTA E O BURGUEZ

Alfons C. Salellas Bosch<sup>1</sup>

**Resumo:** Se o herói da literatura do século XIX foi o "rebelde", esse homem com ânsias de destaque por oposição ao vulgo, o do século XX é o "conformista", ou seja, aquele que quer se integrar e ser confundido com a massa. Em *O Conformista*, o escritor italiano Alberto Moravia realiza uma análise do tipo humano característico de uma sociedade moderna sob o fascismo, obcecado por aquilo que ele entende por "normalidade". Neste breve ensaio pretende-se mostrar que o romance do grande escritor italiano, publicado em 1951, entra em harmonia com a definição de "burguez" e do pai de família dada por Hannah Arendt, esse sujeito ofuscado por segurança, responsável último pelos crimes de seu tempo.

**Palavras chave:** Conformismo, Normalidade, Banalidade.

**Abstract:** If the hero of nineteenth-century literature was "the rebel", a man with a desperate craving to stand out from common people, the twentieth century is "the conformist", the one who wants to fit in and be confused with the mass. In *The Conformist*, Alberto Moravia analyzes this human type characteristic of a modern society under fascism, obsessed by what he thought it was "normality". This short essay aims to show how this novel by the great Italian writer, published in 1951, comes into line with the definition of the "bourgeois" and the householder given by Hannah Arendt, this man overshadowed by security, who is the ultimate responsible for the crimes of his time.

**Key-words:** Conformism, Normality, Banality.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES.

O risco do conformismo e a ameaça que ele representa para a liberdade são inerentes a todas as sociedades de massa.

Hannah Arendt<sup>2</sup>

Um interlocutor é, de modo geral, aquele com o qual se dialoga, de forma oral ou escrita. Podemos entrar em conversa com diferentes pessoas, uma de cada vez ou simultaneamente, e assim dizer que estabelecemos contato com distintos interlocutores. Na vida diária, nossos interlocutores são pessoas conhecidas. Aliás, muitas pessoas tem um interlocutor privilegiado e consideram que até não verbalizar para ele aquilo que precisava sair do seu interior, o assunto não foi contado nem devidamente refletido. Mas quando se trata em obras literárias ou filosóficas, e não necessariamente com seus autores, a coisa é diferente. Textos filosóficos dialogam entre si naturalmente. Em outras ocasiões, que contam-se entre as mais frutíferas, a filosofia dialoga com a literatura, ampliando de um modo quase que involuntário o marco de compreensão de um problema, um tema, ou vários. Este diálogo pode ser introduzido e mantido pelos próprios autores dos textos que importam, ou pelo leitor interessado na obra de um deles, um tema, um problema. Este último é o caso que me ocupa e meu objetivo nesta intervenção é muito simples: invitar para a leitura do romance *O conformista* de Alberto Moravia.

Ignoro se Hannah Arendt travou algum tipo de conhecimento sério com a obra literária de Alberto Moravia. O que está fora de qualquer dúvida é que *O conformista*, romance publicado em 1951 com título muito explícito, é um interlocutor direto da intuição arendtiana sobre a banalidade do mal, em *Eichmann em Jerusalem*, e da tese do burguês pai de família – “o cego conformismo da sociedade burguesa” (ARENDR, 2011, p. 170) – como sendo a principal figura criminosa do século XX, explicitada em outras obras e artigos da autora.

Sirva como introdução a esta breve nota o seguinte aviso que Hannah Arendt formulou em 1954:

No caso de uma sociedade de massas já existente – [...] – não é inconcebível que os elementos totalitários possam, por algum tempo, se basear no conformismo ou na ativação de um conformismo latente, para seus próprios fins. Nos estágios iniciais, o conformismo poderia ser usado para diminuir a violência do terror e a insistência da ideologia; com isso, a transição de um ambiente livre para a fase de uma atmosfera pré-totalitária seria menos perceptível (ARENDR, 2008, p. 441).

*O conformista*<sup>3</sup> conta a história de Marcello Clerici, um indivíduo obsesionado com a normalidade, que busca a aprovação dos outros e a plena integração na sociedade do seu tempo,

---

<sup>2</sup>A ameaça do conformismo, p. 439.

no caso a Itália fascista de Mussolini. No seu entendimento, o que desejava era sair de qualquer maneira do angustioso isolamento da anormalidade (cfr. MORAVIA, 1991, p. 24), uma vez que para Marcello ser normal é ser indistinto, parte da massa que obedece os gostos e ditames da sua época. Em particular, escreve Moravia, aquilo que o atraía da normalidade era o seu ser não casual nem confiado às preferências e às inclinações do ánimo, mas o seu caráter preestabelecido, imparcial, indiferente aos gostos individuais, limitado e sustentado por regras indiscutíveis dirigidas a um único fim (Idem, p. 33). Parafrazeando Arendt, o protagonista deste romance é um homem que pede de joelhos que lhe sejam sustraídos os perigos do pensar para aderir-se imediatamente a qualquer regra de conduta prescrita (cfr. ARENDT, 2010, p. 245). Não é por acaso que mais tarde o leitor ficará sabendo que o defeito que mais odiava Marcello é o ceticismo (cfr. MORAVIA, 1991, p. 76). Incapaz de suportar a incerteza constitutiva do sujeito moral (cfr. GIL MUÑOZ, s.d., p. 14), a Marcello Clerici poderiam-lhe ser atribuídas, em forma de monólogo interior, as seguintes palavras de Cioran que, ao modo dos frescos pintados pelos moralistas franceses do século XVIII, sentencia que

o ceticismo é inseparável de um distúrbio fisiológico. Uma constituição robusta o rejeita e o aparta; um organismo débil cede e precipita-se nele. Vai querer depois se desfazer dele? Visto que não o conseguirá através de seus próprios meios, pedirá o concurso do bárbaro cujo papel não é resolver, mas suprimir os problemas e, com eles, a consciência sobreaguda que lhes é inerente e que incomoda o débil, mesmo quando este haja renunciado já a qualquer atividade especulativa.<sup>4</sup>

Carente de amor parental, Marcello busca respostas para aquilo que ele entende como sua tendência anormal para cometer atos agressivos e violentos. De esmagar flores e matar lagartixas, Marcello passa a atirar contra um gato e a pensar no homicídio do seu vizinho Roberto. Até que um dia, vítima do intento de abuso sexual por parte de Lino, um ex-padre que lhe chantajeava com a promessa de uma pistola, Marcello dispara nele e acredita ter cometido um assassinato do qual buscará remissão até o final da sua vida.

O romance faz um salto no tempo e encontramos a Marcello formando parte do corpo de funcionários da polícia secreta do regime. Aquela insegurança ética da infância, insatisfeita por parte dos pais e dos amigos, transforma-se na idade adulta na busca pelo

---

<sup>3</sup>Em 1970 Bernardo Bertolucci apresentou com o mesmo título um filme baseado no romance de Alberto Moravia. O filme tem algumas diferenças de conteúdo e formais em relação a obra literária. Diferentes finais e um uso reiterado da técnica do flash-back no caso do filme, enquanto que o romance apresenta uma estrutura linear. Além disso, o caráter eminentemente discursivo do romance de Moravia era difícil de ser capturado pela cinematografia de Bertolucci.

<sup>4</sup> “[A ce stade] le scepticisme est inséparable d’une infirmité physiologique. La constitution robuste le refuse et s’en écarte ; une organisation débile y cède et s’y précipite. Voudra-t-elle ensuite en faire ? Comme elle n’y réussira guère par ses propres moyens, elle demandera le concours du barbare dont c’est le rôle, non de résoudre, mais de supprimer les problèmes et, avec eux, la conscience suraiguë qui y est inhérente et qui harasse le faible, alors même qu’il a renoncé à toute activité spéculative” (CIORAN, 2011, p. 560).

reconhecimento da massa fascista. Ele é requerido para uma missão em Paris, consistente na espionagem do seu antigo professor de filosofia, Quadri, conhecido agitador antifascista, residente na capital francesa. Na sala de espera, aguardando instruções do seu superior, Marcello imagina a multidão abstrata e pensa que é normal, parecido com todos, uma espécie de exercito unido pelos mesmos sentimentos, ideias e objetivos do qual é consolador formar parte. Mas quando daquela aglomeração afluíam os indivíduos, a ilusão da normalidade estourava contra a diversidade, tinha problemas em se reconhecer como um deles e sentia ao mesmo tempo distanciamento e asco (cfr. MORAVIA, 1991, p. 73). Sem problemas para mixturar viagem de boda com dever funcional, Marcello, silencioso a respeito de seu emprego e sem sentir o menor indício de amor, casa-se devidamente com Giulia, de família burguesa, prévia confissão católica de suposto ateu sem capacidade de remorso evidente. Logo depois, parte para Paris.

Movido pelo desejo e necessidade de expiar a culpa, as instituições sociais – Escola, Igreja, Estado – funcionam na vida de Marcello Clerici como encarnações da ordem moral que tanto anelou e da qual sempre sentiu falta. Porém, dispensando fracos maniqueísmos, Simone Weil lembra que “a necessidade de ordem não é nela mesma necessariamente um symptoma de heteronomia, mas, [...], uma necessidade constitutiva do sujeito moral que também pode ser ligada à autonomia” (WEIL, 1996, p. 28 *apud* GIL MUÑOZ, s.d., p. 26) De qualquer forma, Marcello faz parte dessas massas que fugindo da realidade,

pronunciam um veredicto contra um mundo no qual são forçadas a viver e onde não podem existir, uma vez que *o acaso é o senhor supremo deste mundo* e os seres humanos necessitam transformar constantemente as condições do caos e do acidente num padrão humano de relativa coerência (ARENDR, 2011, p. 401, grifos meus).

Durante a viagem, Marcello é informado de uma importante mudança de planos. Não se trata já de espionar Quadri, mas de matá-lo, e ele vai ser quem indique ao assassino (Orlando) quem é seu objetivo por meio de um abraço, como Judas traiu Jesus. Ele internaliza a missão como o passo mais decisivo no caminho da normalidade definitiva (cfr. MORAVIA, 1991, p. 91). Ao contrário da solidão culpável experimentada diante dos seus delitos infantis, agora sentia-se acompanhado. Qualquer dano físico ou moral que pudesse causar estaria amparado pelas organizações políticas, sociais e militares, por grandes massas de pessoas que pensavam como ele e, fora de Itália, outros milhões. Não ignorava que aquilo que estava prestes a realizar era muito pior que matar lagartixas, mas sabia-se acompanhado, a começar pelo agente Orlando, um homem bom, casado e pai de cinco filhos. “Pela família e pela pátria”, essa frase ecoava no seu ouvido, empolgada e melancólica, uma mixtura de esperança e de tristeza (Idem, p. 114). Marcello não é um

ser imoral, mas alguém que atua imoralmente amparando-se em argumentos pseudomoraes (cfr. GIL MUÑOZ, 1991, p. 43) Para ele, a morte de Quadri anula a de Lino, situação que o deixa na porta de entrada da normalidade. Para tanto, Marcello precisa não apenas da guarida da massa fascista, mas também do sucesso absoluto do regime ao qual servia. Só assim operaria-se a transmutação total de valores em virtude da qual um delito transformaria-se num ato glorioso. Se o fascismo fracassasse, ele não seria mais do que um simples assassino (cfr. MORAVIA, 1991, p. 238-239).

Em Paris acontece algo imprevisto. Marcello apaixona-se pela esposa do professor Quadri, Lina, e pela primeira vez na sua vida experimenta alguma coisa parecida com o amor. Mesmo que isto não variará o curso dos seus planos já traçados, esta breve e incompleta experiência faz com que pela primeira vez Marcello coloque em questão o regime ao qual serve e se torne ciente de que sua subserviência é o fruto da sua própria eleição, cômico de que sua livre escolha é o contraponto daquela melancolia que o persegue desde tempos imemoriais (Idem, p. 196) Em contrapartida, Lina – que não por acaso é o feminino de Lino - apaixona-se por Giulia. Embora se deixe seduzir por Marcello, Lina lhe informa que Quadri e ela estão completamente cientes da razão pela qual ele os proucurou. A estas alturas já é óbvio para o leitor que, como subtema do romance, Moravia relaciona a repressão sexual com o fascismo, transunto da oposição entre aquilo que se percebe como anormal e aquilo que é recebido como normal.<sup>5</sup> Seja como for, Quadri e Lina são assassinados a caminho de Savoy através da indispensável intermediação de Marcello. Semanas mais tarde, ele saberá que as duas mortes foram desnecessárias. Uma contraordem, que não chegou na hora certa, pedia para parar a missão, pois num movimento de reaproximação entre Itália e França tanto Quadri como Lina teriam sido mais úteis vivos. Ao final, a ordem fascista e burocrática mostra-se tão contingente quanto a desordem familiar e toda a etapa infantil de Marcello, que ele sempre acreditou submergida no erro. A normalidade demonstra-se uma construção fictícia na mente de Marcello. A normalidade não existe.

Anos depois, na noite em que Mussolini cai do poder, Giulia, num passeio revela ao seu marido que há muito sabia da sua verdadeira identidade profissional e do seu envolvimento com os assassinatos. Porém, a preocupação dela não é com as vítimas, mas com sua própria segurança, a dela, a dele e a da filha, em suma, a da família. Outrora, Giulia mostrara um lampejo de percepção repentina, mesmo que involuntária, num breve intercanvio de pareceres com Marcello a respeito do nojo que ela diz sentir pela multidão que ontem batiam palmas em favor de Mussolini, há quatro

---

<sup>5</sup>Deixo este tópico inexplorado, porquanto excede em muito as limitações de espaço e de interesse que movem a redação do presente texto.

dias adulavam o papa para que os salvasse dos bombardeios, e hoje aclamam o rei que acabou com o ditador (Idem, p. 209). E é Arendt quem nos lembra que

alguém que, por quaisquer razões ou fins, desejasse abolir os antigos “valores” ou virtudes, ele acharia essa tarefa bastante fácil, desde que oferecesse um novo código, e não precisaria da força, nem de persuasão – de nenhuma prova de que os novos valores são melhores que os antigos – para impôlos. Quanto mais forte era o apego dos homens ao velho código, mais ansiosos estarão para assimilar o novo (ARENDDT, 2010, p. 245-246).

Antes de um final trágico que não desvelarei mas que é resultado de tantos conformismos servis como o de Marcello, este, com grande surpresa e incredulidade, encontra Lino que, ao contrário daquilo que equivocadamente tinham informado os jornais, não estava morto. Às acusações de Marcello a respeito de Lino ter adulterado toda sua vida, este lhe abre a mente dizendo-lhe que a perda da inocência faz parte do rumo normal de qualquer vida. Assim,

*é “normal” sentir-se “anormal”. Todo mundo duvida sobre a legitimidade ética de determinados sentimentos e condutas pessoais, e todo mundo se pergunta se o resto deve experimentar uns sentimentos e desenvolver umas condutas similares. Marcello não é uma exceção: por tanto, as experiências da infância não justificam a escolha posterior. Nele a vontade de pureza, de inocência, acaba sendo mais perigosa do que a aceitação das próprias imperfeições (grifos meus).<sup>6</sup>*

Marcello, entendendo que durante vinte anos havia se obstinado a trilhar um caminho errado do qual devia sair, assume as palavras de Lino como lema para o início de uma nova vida sem vãs busquedas de purificação e normalidade.

Enric Gil Muñoz (cfr., s.d., p. 69) vê no caso de Marcello um exemplo do conformismo burguês e da procura do bemestar privado, típica da tradição liberal, cujo filósofo por excelência era Thomas Hobbes (cfr. ARENDT, 2011, p. 175). Para Hobbes a construção da ordem política não era possível sem a subjeção do indivíduo ao Estado,

porque na lei do Estado não existe a questão de “certo” ou “errado”, mas apenas a obediência absoluta, o cego conformismo da sociedade burguesa. E, como essa lei flui diretamente do poder que ela torna absoluto, passa a representar a necessidade absoluta aos olhos do indivíduo que vive sob ela (ARENDDT, 2011, p. 170).

Despojado de direitos políticos, Arendt acrescenta,

O indivíduo, para quem a vida pública e oficial se manifesta sob o disfarce da necessidade, adquire o novo e maior interesse por sua vida privada e seu destino pessoal. Excluído da participação na gerência dos negócios públicos que envolvem todos os cidadãos, o indivíduo perde tanto o lugar a que tem direito na sociedade quanto a conexão natural com os seus semelhantes. Agora, só pode julgar sua vida

---

<sup>6</sup>“És “normal” sentir-se “anormal”. Tot el món dubta sobre la legitimitat ética de determinats sentiments o conductes personals, i tot el món es pregunta si la resta de la gent deu experimentar uns sentiments i desenvolupar unes conductes semblants. Marcello no és cap excepció: per tant, les experiències d’infantesa no justifiquen la tria posterior. En ell, la voluntat de pureza, d’innocència, acaba sent més perillosa que l’acceptació de les pròpies imperfeccions” (GIL MUÑOZ, s.d., p. 58).

privada individual comparando-a com a dos outros, e suas relações com os companheiros dentro da sociedade tomam a força de concorrência (Idem, p. 170-171)

Segundo Enzo Traverso, as técnicas de dominação política inventadas para garantir a ordem burguesa constituem um precedente lógico e histórico da instituição totalitária dos campos de concentração (TRAVERSO, 2002, *apud* GIL MUÑOZ, s.d., p. 70).

Em termos que habitualmente se aplicam à literatura de Dostoievski, vale a pena salientar que Lino e Lina, as duas personagens que desde a óptica social são os anormais, fazem no romance de Moravia o papel de “figuras boas” que abrem janelas para a salvação do protagonista.

Ao final da história, Moravia, em monólogo interior indireto, faz reflexionar Marcello sobre sua estúpida, obstinada e voluntária fixação por uns laços indignos e por umas obrigações mais indignas ainda; e tudo por causa da miragem de uma normalidade que não existia (MORAVIA, 1991, p. 279). *Mutatis mutandis*, de Marcello Clerici pode-se dizer o mesmo que Hannah Arendt afirmou de Adolf Eichmann,

*ele simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo. [...] Ele não era burro. Foi pura irreflexão – algo de maneira nenhuma idêntico à burrice – que o predispôs a se tornar um dos grandes criminosos desta época. E se isso é “banal” e até engraçado, se nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica ou demoníaca de Eichmann, isso está longe de se chamar lugar-comum (ARENDR, 2009, p. 310-311, grifos no original).*

### Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Compreender*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CIORAN, E. M.. *Oeuvres*, Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 2011.

GIL MUÑOZ, Enric. “La banalitat del mal en l’home-massa”. Disponível em <http://www.uv.es/calaforr/conformista.pdf>, (s.d.).

MORAVIA, Alberto. *El conformista*. Barcelona: Edicions 62, 1991.

WEIL, Simone. *Echar raíces*. Madrid: Trotta, 1996.